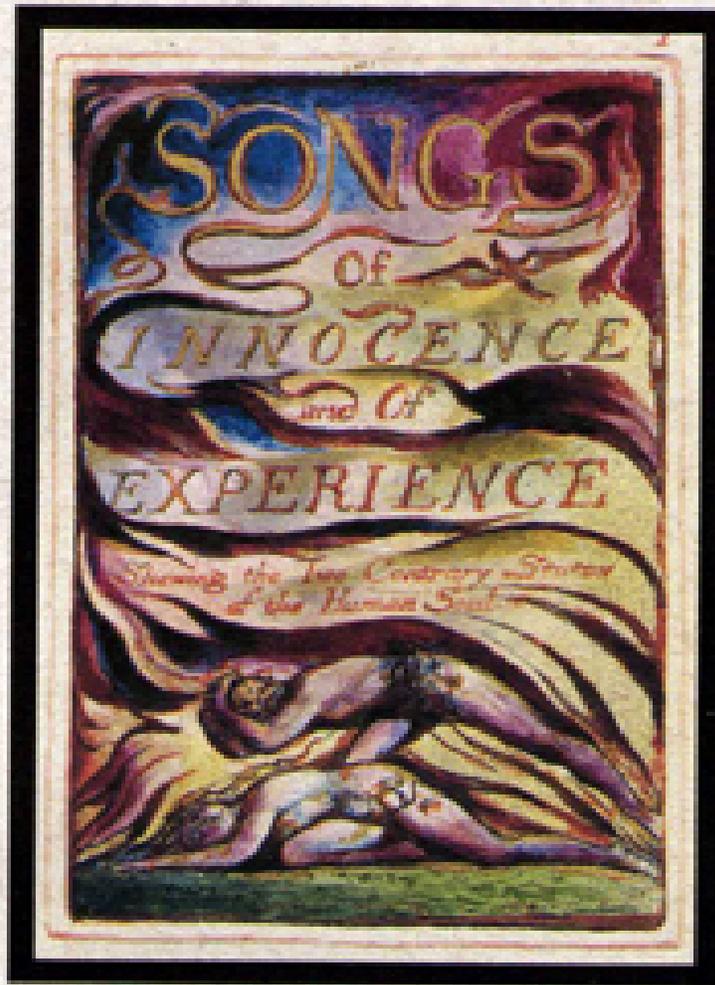


WILLIAM BLAKE



SONGS OF INNOCENCE

CANÇÕES DA INOCÊNCIA



SONGS OF EXPERIENCE

CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

Tradução de Renato Suttana

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Willi
am
Blak
e

Canções da Inocência e da Experiência

(2ª edição revista
e atualizada)

T
r
a
d
u
ç

ã
o
d
e
Ren
ato
Sutt
ana

2
0
1
1

1ª edição: 2005

2ª edição: 2011

Índice

CANÇÕES DA INOCÊNCIA

INTRODUÇÃO

O PASTOR

O ECOANTE VERDOR

O CORDEIRO

O MENININHO NEGRO

O AMOR-PERFEITO

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

O MENININHO PERDIDO

O MENININHO ENCONTRADO

CANÇÃO SORRIDENTE

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

A IMAGEM DIVINA

QUINTA-FEIRA SANTA

NOITE

PRIMAVERA

CANÇÃO DA AMA

INFANTE ALEGRIA

UM SONHO

SOBRE A MÁGOA ALHEIA

CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

A RESPOSTA DA TERRA

O TORRÃO E O SEIXO

QUINTA-FEIRA SANTA

A MENININHA PERDIDA

A MENININHA ENCONTRADA

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

CANÇÃO DA AMA

A ROSA DOENTE

O MOSQUITO

O ANJO

O TIGRE

MINHA BELA ROSEIRA

AH, GIRASSOL

O LÍRIO

O JARDIM DO AMOR

O PEQUENO VAGABUNDO

LONDRES

A ESSÊNCIA HUMANA

MÁGOA INFANTIL

UMA ÁRVORE DE VENENO

UM MENININHO PERDIDO

UMA MENININHA PERDIDA

A IMAGEM DIVINA

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

O ESCOLAR

PARA TIRZAH

A VOZ DO BARDO ANTIGO

CANÇÕES DA INOCÊNCIA

INTRODUÇÃO

A tocar minha flautinha
Pelo vale viridente
Vi nas nuvens
uma criança.
Disse-me ela,
sorridente:

Toque a canção
do Cordeiro! E
eu toquei com
alegria.
Flautista, toque
outra vez –
E chorou, enquanto ouvia.

Deixe a flauta, a
alegre flauta,
Cante canções de
alegria. Toquei o
mesmo outra vez
E o vi chorar quando ouvia.

Flautista, sente-se
e escreva Num
livro, que o
mundo leia – E
então
desapareceu

E um caniço eu apanhei

E fiz dele a minha pena,
E turvei as águas mansas,
E escrevi
canções
felizes,
Para
alegrar as
crianças.

O PASTOR

Que doce a doce lida do Pastor,
Da madrugada à noite
ele vagueia: Seus
carneiros no campo
pastoreia, E a sua voz
é cheia de louvor.

Porque ele ouve o balido do cordeiro
E o replicar da ovelha, e atentamente
Vigia enquanto pastam
calmamente, Pois sabem
que está perto o Pegureiro.

O ECOANTE VERDOR

O Sol que no céu desponte
Dá alegria
ao
horizonte;
O sino
canta a
canção Da
florescente
estação;
Canta o
tordo e a
cotovia, E
a ave da
mata
bravia, Ao
retumbant
e clamor
Dos sinos, por sobre
os campos;
Enquanto, jovens,
brincamos Pelo
Ecoante Verdor.

O velho João,
já grisalho,
Esquece faina e
trabalho;
Senta-se entre
a velha gente À

sombra, no dia
quente.
Ao verem nosso folgar
Se põem a comentar:
"O mesmo alegre fervor,
E equivalente alegria
Em nossa infância se via
Pelo Ecoante Verdor."

Até que, exaustos os novos,
Não podendo mais
com os jogos, No
ocidente o sol
declina,
E nosso folgar termina.
Em torno ao colo das mães,
Diversos
irmãos e
irmãs,
Como as
aves ao
calor
Dos ninhos, vão repousar;
E não se vê mais folgar
No anoitecido Verdor.

O CORDEIRO

Cordeirinho,
quem te fez?
Tu conheces
quem te fez?
Deu-te vida e
alimentou-te.
Sobre o prado e junto à fonte;
Cobriu-te com
veste pura De
lã branca que
fulgura; Deu-te
a voz meiga e
tão fina Para
alegrar a
campina:
Cordeirinho,
quem te fez?
Tu conheces quem te fez?

Cordeirinho
, eu te
direi,
Cordeirinho
, eu te
direi;
Por teu nome ele é chamado,
Pois assim se
tem nomeado:

Ele é meigo e
pequenino,
E um dia se fez menino:
Cordeiro tu e menino eu,
Nos une um
nome que é
Seu.
Cordeirinho,
Deus te guarde,
Cordeirinho, Deus te guarde.

O MENININHO NEGRO

Minha mãe me gerou lá numa austral devesa,
E sou negro, mas – oh! – sei que minha
alma é clara. Clarinha como um anjo é
uma criança inglesa:
Mas negro sou, como se a luz não me tocara.

À sombra de um baobá minha mãe me educou
E sentada comigo ante o calor do dia.
Tomou-me certa vez ao colo e me beijou,
E indicando o nascente eis o que me dizia.

Olha o nascer do sol: lá Deus tem sua casa
De lá nos manda a luz e envia Seu calor,
Que a árvore e a flor e a fera e o homem tudo abrasa
Confortando a manhã alegrando o sol-pôr.

Nosso tempo na terra é só uma
curta estada. Para aprender a
suportar o amor radioso.
E este corpo tão negro e esta face queimada
É uma nuvem somente, e um bosque penumbroso.

Quando tiver nossa alma esse
ensino aprendido A nuvem se
esvairá e uma voz há de soar.
Dizendo: o bosque abandonai gado
querido.
E vinde em torno à Minha tenda festejar.

Minha mãe disse assim e me
beijou a face. E ao menininho
inglês assim também falei.
Que quando a nuvem negra e a nuvem
branca passe, E em torno à tenda se
ajuntar a Sua grei,

Vou guardá-lo do sol que ele há de
suportar Quando feliz ao pé de
nosso pai se ajoelhe. Quero ao seu
lado as alvas mechas lhe afagar, E
ele então me amará e eu serei
como ele.

O AMOR-PERFEITO

Feliz
Pardalzin
ho, Entre
as folhas
verdes
Um
Amor-
perfeito
Te vê rapidinho
Encontrar teu ninho
Junto ao meu peito.

Gentil Corruíra,
Entre as folhas verdes
Um
Amor-
perfeit
o
Ouve
o teu
suspir
o,
Gentil
Corruír
a,
Junto
ao
meu
peito.

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Eu era bem novo e minha mãe morria,
E meu pai vendeu-me quando
eu mal sabia Balbuciar,
chorando limpa-dor dor dor dor,
Assim sujo e escuro sou o
limpador.

Aquele é Tom Dracre, que
chorou na vez Em que lhe
rasparam a cabeça: Vês –
Consolei-o – Tom que é bom
não ter cabelo, Pois assim
fuligem não te suja o pêlo.

Assim se acalmou. E numa
noite escura Tom dormindo
teve esta visão futura, Que
mil limpadores Josés Chicos
Joões Foram confinados em
negros caixões.

E então veio um Anjo com uma chave branca
E os tirou do escuro destravando a tranca.
E então entre risos ao campo saíram
E entraram num rio e ao Sol reluziram.

Sem sacos às costas, despida a
camisa Voaram nas nuvens,

brincaram na brisa; Disse o
Anjo a Tom que, se fosse
bonzinho, Deus feliz tomava-o
como seu filhinho.

E Tom despertando foi
na escuridão Apanhar
seu saco mais seu
esfregão, E saiu alegre
na manhã gelada.
Quem seu dever cumpre não receia nada.

O MENININHO PERDIDO

Papai, papai, onde estás indo
Não posso
assim correr.
Fala, papai,
ao teu
filhinho, Ou
hei de me
perder,

Não havia pai na noite escura
E a criança se ensopava
De orvalho, lama e pranto, e ao longe
Uma névoa exalava.

O MENININHO ENCONTRADO

Perdido o menininho
no atoleiro, Guiado
por brilho obscuro,
Pôs-se a chorar, mas Deus, sempre presente,
Surgiu como seu pai de branco e puro.

Beijou a criança e pela mão levou-a
À mãe, que suspirava,
Que pálida de mágoa em todo o vale
Chorando a procurava.

CANÇÃO SORRIDENTE

Quando se ouve da mata o gargarhar feliz
E a doce correnteza é uma risada fluida,
E o ar se ri também com o nosso
bom humor, E o verde outeiro ri
ecoando tal rumor.

Quando a campina ri verdejante e contente
E o gafanhoto ri ao ver a alegre cena.
E ri Maria e ri Susana e Emília ri,
Com boca bem redonda a cantar ah, ah, ih.

Quando riem na sombra as
aves coloridas E a nossa
mesa está recoberta de
frutos Vinde alegrar-vos e
viver, sentai aqui, Cantai
comigo o doce coro do ah,
ah, ih.

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Vinde, vinde,
doces
sonhos, O
meu pequeno
embalar;
Doces sonhos
de risinhos,
Silentes raios
de luar.

Com a fronte
vem lhe tecer
Uma coroa,
Anjo meigo,
Doce, doce
adormecer,
Para o seu sono e sossego.

Guardai-o,
sorrisos ternos,
Que ele é meu
gozo sem par;
Doces sorrisos
maternos,
A noite inteira a velar.

Doces queixas
de pombinhos
Não o venhais

perturbar;
Doces queixas,
sorrisinhos,
Fazei as
queixas cessar.

Dorme, dorme,
meu pequeno,
Toda a criação
dormiu; Dorme,
dorme, bem
sereno, Tua
mãe vela por ti.

Em teu rosto,
pequenino,
Sagrada
imagem se vê;
Quem te criou
foi menino,
Chorou por
mim, meu
bebê,

Por todos,
por mim, por
ti, Quando se
fez num
infante; E
hoje do céu
te sorri,
Em tudo vê Seu semblante.

Por todos,
por mim, por
ti É que ele

dá o riso
Seu: Como
criança sorri,
A velar por terra e céu.

A IMAGEM DIVINA

Por Clemência, Piedade, Paz e Amor
Todos rezamos na aflição;
E para tais virtudes deliciosas
Se volta a nossa gratidão.

Pois Clemência, Piedade, Paz e Amor
É Deus, nosso pai adorado;
E Clemência, Piedade, Paz e Amor
O Homem, Seu filho e Seu cuidado.

Pois a Clemência tem um
peito humano, E o Amor
forma humana celeste,
E um rosto humano
tem a Piedade, E a
Paz exhibe humana
veste.

Assim todo homem, pelo
mundo afora, Que reza em
sua humana dor,
Pede só à divina forma humana
Clemência, Paz, Piedade, Amor.

E amar a forma humana
devem todos, Sejam
pagãos, turcos, judeus;

Onde habitam Clemência,
Amor, Piedade, Ali também
habita Deus.

QUINTA-FEIRA SANTA

Foi numa Quinta-feira Santa, iam com as faces bem lavadas, Duas a duas, as crianças, em roupas de cores variadas;
Mãos brancas e brancos cabelos, à frente os bedéis caminhavam;
E, entrando a abóbada de Paulo, como a água do Tâmis escoavam.

Que grande multidão somava de Londres essa floração!
Em companhias assentadas, com brilho próprio e irradiação.
Rumor de multidão lá havia, porém multidão de ovelhinhas,
Mil meninos e mil meninas a erguer inocentes mãozinhas.

Agora, como um vento forte, sobem ao Céu suas canções,
Como entre os bancos celestiais o som de harmônicos trovões.
Sábios guardiões dos pobres, foram entre eles os velhos sentar.
Sê pois piedoso e não expulses um anjo de teu limiar.

NOITE

O sol já se deitou para o poente,
E a estrela vespertina
se acendeu; Cada ave
no seu ninho está
silente, Porém ainda
procuro pelo meu.
A lua –
flor
descerra
da Do
céu na
alta
latada –
Com
silencios
o prazer
Senta-se, rindo para o anoitecer.

Verde campina, alegre
bosque, adeus, Onde
pastaram com deleite os
gados; E onde agora os
anjinhos movem seus
Silenciosos pés iluminados.
Invisíveis, eles vêm
Para abençoar também
Os brotos e as florações
E mais os adormidos corações.

Em cada quieto ninho vão olhar
As aves que, aquecidas, lá dormitam,
E depois nas cavernas vão
cuidar Também das rudes
feras que as habitam. Se
descobrem algum pranto,
Trazem
depressa
acalanto, E
dão sono a
quem chorar,
À cabeceira pondo-se a velar.

E quando o tigre e o lobo
estão caçando, Eles choram
de pena e de tristeza,
Das brancas ovelhinhas afastando
Os que delas
fizerem sua presa.
Se estes atacam
sem rogo,
Prestes, os anjos
vêm logo
As ternas almas levar,
Para novos mundos herdar.

E então os rubros olhos do leão,
Puras lágrimas de ouro hão de verter;
E, tendo por quem chora
compaixão, Enquanto as
furnas corre, irá dizer:
"O ódio, por Sua
clemência;
Por Sua saúde, a doença
Destes dias imortais
Foram banidos para nunca mais.

“E agora posso, cordeiro, ao teu lado
Me deitar e contigo adormecer;
Pensando em Quem por teu
nome é chamado, E, chorando,
ao teu lado então pascer.
Minha flava juba, abluída
No eterno rio da vida,
Sempre há de luzir mais pura,
Enquanto monto guarda à furna escura.”

PRIMAVERA

To
qu
e
a
Fl
au
ta
,
Q
ue
fa
z
fal
ta
;
C
ot
ov
ia
Noite e Dia;
R
o
u
x
i
n
o
l
N
o

a
r
r
e
b
o
l
;
A
v
e
a
v
o
a
r
,
E
a
c
a
n
t
a
r
,

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

M
e
n
i
n
i
n
h
o

A
l
e
g
r
i
n
h
o
;
M
e
n
i
n
i
n
h
a
Tão meiguinha;
C
a
n
t
a
o
G
a
l
o
/
I
m
i
t
á
-

I
o
;
L
i
n
d
a
v
o
z
T
e
n
d
e
s
v
ó
s

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

V
e
m
,
C
o
r
d
e
i
r
o
,
B
e

m
l
i
g
e
i
r
o
;
L
a
m
b
e
n
t
ã
o
M
i
n
h
a
m
ã
o
;
B
r
a
n
c
o
P
e
l

o
,
Q
u
e
r
o
v
ê
-
l
o
;
D
o
u
u
m
b
e
i
j
o
N
o
t
e
u
q
u
e
i
x
o
:

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas os risos dos pequeninos
E suas vozes também,
Meu coração satisfeito se aquieta
dentro do peito, E tudo o mais está
bem.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,
E o orvalho da noite desce;
Deixai os jogos por ora, e vamos
todos embora, Até que a manhã
regresse.”

“Não, não, deixa-nos brincar, pois ainda há sol
a brilhar, E não podemos dormir;
E os céus azuis se povoam dos passarinhos
que voam, E ouve-se a ovelha balir.”

“Bem, ide ao campo e brincai, enquanto a luz não se vai,
E após correi para a cama.”
E os pequeninos saltaram, e sorriram,
e gritaram, Fazendo ecoar a
montanha.

INFANTE ALEGRIA

“Não tenho nome:
Só de
dois
dias
sou.”
Como
te
chama
rei?
“Sou
só
feliz,
Alegria é meu nome.”
Que sejas bem feliz!

Meiga Alegria!
Doce, e só de dois dias.
Doce
Alegria
chamo-
te.
Enquant
o ris,
Entoo um canto;
Que sejas bem feliz!

UM SONHO

Um dia um sonho se teceu
Em torno ao leito em
que eu dormia: Que uma
formiga se perdeu
Num vasto campo onde eu me via.

Confusa, incerta,
abandonada, E
sem saber por
onde andar
Naquela selva
desgrenhada,
Com muita pena,
ouço-a falar:

“Ó meus filhinhos!
choram tanto? Não
ouvem suspirar seu
pai? Buscam em
volta, com espanto:
Voltai, pois, e por
mim chorai.”

Chorei também,
de pena pura;
Mas veio um
vaga-lume então
E disse: “Que
erma criatura

Convoca da noite
o guardião?

“Minha missão é
lançar brilho,
Enquanto faz ronda
o besouro: Segue
portanto o seu
sussurro; Retorna
ao lar, triste
andarilho.”

SOBRE A MÁGOA ALHEIA

Posso ver chorar alguém
E triste não
estar
também?
Posso ver o
outro sofrer
E um consolo não trazer?

Posso ver correr o pranto
E não chorar o meu tanto?
Pode um pai ver seu rebento
Chorar, sem sofrer tormento?

Pode a mãe sentar-se e ouvir
De medo um filho vagir?
Não, não
pode ser
assim,
Nunca,
nunca ser
assim!

Pode Quem
a tudo rira
Ouvir
gemer a
corruíra,
Ouvir
gemer a

avezinha
Ou o
infante que
definha,

Sem recobrir a ninhada
De uma piedade inflamada;
Sem junto ao berço sentar-se
E todo em pranto inflamar-se;

Sem se
sentar noite e
dia, Secando
nossa
agonia? Oh,
não pode ser
assim!
Nunca, nunca
ser assim!

Ele, que a alegria traz,
Que infante
também se faz;
Que se torna
homem de dor,
Que sente nosso amargor.

Não há suspiro que dê
Sem que o veja
Quem te fez;
Não há pranto
derramado
Sem que Ele esteja ao teu lado.

Oh! Que Ele dá sua alegria

E destrói
nossa
agonia.; Até
que a dor vá
embora, Fica
ao nosso lado
e chora.

CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Escutai a voz
do Bardo!
Que vê
Presente e
Passado, E o
Futuro, e que
escutou O
antigo Verbo
Sagrado
Quando entre as velhas árvores andou,

Chamando em pranto a extraviada
Alma, na noite rociada;
Que tinha controle sobre
O ástreo céu que nos cobre
E renovara a luz já degradada!

“Ó Terra,
Terra,
retorna!
Levanta da
relva e
torna, Que
a noite fria
definha
E a clara alvorada, morna,
Por sobre as negras massas se adivinha.

“Não fujas,
não fujas
mais; Se
foges, para
onde vais?
O firmamento que se abre
E os úmidos litorais
Hão de ser teus até que a noite acabe.”

A RESPOSTA DA TERRA

A Terra ergueu a cabeça
Da escuridão
funda e espessa.
Em pétreo pavor,
profundo, Sua luz
era dispersa.
Branqueou-lhe a fronte um desespero fundo.

“Por litorais resguardada
E pelos céus vigiada,
Que me encanecem, consomem,
Ouço, já velha e cansada,
Chorando, a voz do Pai do antigo Homem!

“Ó Pai dos
homens,
ciumento! Ó
temor cruel e
rude!
Pode o deleite gerar
As virgens da juventude
E da aurora, se a noite o acorrentar?

“Não ri a
flórea
estação
Ao ver a
flor e o

botão?
Acaso o
semeado
r Semeia
na
escuridã
o
E ara na noite negra o lavrador?

“Quebra a
corrente
fatal Que
me regela,
ancestral.
Egoísta e
vã,
peçonhent
a! Qual
maldição
eternal
Que à servidão o Amor Livre acorrenta.”

O TORRÃO E O SEIXO

“O Amor não se devota ao gozo do Eu
Nem pela própria causa é denodado,
Mas por outrem desdobra o seu cuidado
E aos despeitos do Inferno traz um Céu.”

Assim cantava um pequeno Torrão
Pisado pelo gado com desleixo;
Mas, em meio à corrente, ouviu-se um Seixo
Modular estes metros de canção:

“O amor só quer o gozo do
Eu eterno E em agrilhoar
os outros se compraz; De
outrem vem destruir
repouso e paz, E a
despeito do Céu traz um
Inferno.”

QUINTA-FEIRA SANTA

É coisa
santa de
ver Em rico
e fértil
torrão
Bebês de
fome
morrer,
Tratados
com dura
mão?

É uma
canção tal
lamento?
Pode ser de
gentileza?
Tanta
criança ao
relento? É
uma terra
de
pobreza!

E o seu sol é
bem fraquinho,
E o seu campo
nada dá,

E há espinhos nos
seus caminhos: E é
eterno inverno por lá.

Pois onde quer
que o sol brilhe,
Onde quer que a
chuva jorre,
Há sempre alguém
que partilhe, Nem
de pobreza se
morre.

A MENININHA PERDIDA

Qual numa profecia
Minha voz anuncia:
Que a terra, hoje suspensa
(Gravai esta sentença)

No sono, há de acordar
E seu Criador buscar;
E a árdua charneca má
Verde jardim será.

Lá pelo
sul
ardente
Onde o
verão é
quente E
nunca
arrefece
u, Meiga
Lyca
nasceu.

Sete
verões
apenas
Contava tal
pequena.
Longe
vagueara e

ouvira Dos
pássaros a
lira.

“Sob esta
árvore
imensa
Venha o sono
e me vença.
Meu pai,
mamãe,
pranteia?
Onde é que
dormirei?

“No
deserto
que
cansa Se
perdeu a
criança.
Pode
Lyca
dormir
vendo
sua mãe
carpir?

“Se o
coração lhe
aperte,
Que Lyca
então
desperte;
Se minha
mãe

dormir, Não
irei mais
carpir.

“Ó noite
taciturna
, Sobre a
clareza
diurna,
Faze a
lua
surgir,
E eu possa então dormir.’

E Lyca
adormecera,
Enquanto as
rudes feras
Das cavernas
de em torno
Espreitaram
seu sono.

Altivo, o leão surgiu
E a doce virgem viu,
E
cabriolava,
a,
entanto,
Naquele
solo
santo.

Tigres,
leopardos vão
Brincando;
enquanto o
leão, Ao redor
da que dorme,
Baixou a juba
enorme

E lambeu o
seu peito E
o pescoço
perfeito,
Com os
olhos
rutilantes
De
lágrimas
flamantes;

E eis que a leoa veio
E lhe despiu o seio;

E, nua, a conduziram
Às furnas de onde vieram.

A MENININHA ENCONTRADA

Por toda a noite erraram
Os pais de Lyca e andaram
Dos vales cada canto
E os desertos em pranto.

Cansado
s e
exaurido
s Por
gritos e
gemidos,
Correram
sete dias
As mais remotas vias.

Sete dias dormiram
Entre as sombras e a viram,
Num sonho, definhar
Num deserto lugar.

Pálida, entre
as quebradas
Vaga a
imagem
sonhada,
Faminta,
triste,
exausta
De mágoa e espera infausta.

Indormid
a, a
mulher
Não se
podia
erguer
Sobre os
pés, e se
via Que
não mais
andaria.

Nos braços a tomava
O homem, que a dor armava:
Até que à sua frente
Surge um leão de repente.

Voltar
seria
embalde:
Logo,
com a
juba
jalde, Ao
chão ele
os
lançou
E ao lado se postou,

A farejar a presa;
Seu pranto se represa
Vendo eles que o leão
Lambia suas mãos.

No assombro que os sustém
Viram seus
olhos bem E
que o pelame
louro Guardava
uma alma de
ouro.

Sobre
a
frente
se via
Uma
coroa,
e
descia
A juba
pelos
ombro
s;
Arrefeceu-se o assombro.

“Segui-
me”,
disse o
rei; “Por
ela não
choreis;
Em meu palácio enorme
Vossa filhinha dorme”.

E acompanhando vão
Os passos da visão
Até que a descobriram
Entre as feras dormindo.

Desde
então têm
vivido Num
lugar

esquecido;
Sem medo
ao lobo
bravo E ao
leão de
urro cavo.

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Uma coisa negra sobre a neve clara
Grita: "Limpa-dor!", com acentos de dor!
"Onde estão teus pais?", alguém lhe
perguntara. Foram para a Igreja
cantar seu louvor.

"Porque eu era alegre, porque eu era forte
E sorria sobre neves de alva cor,
Me vestiram estes
vestidos de morte, Me
ensinaram cantos e
notas de dor.

"E porque me alegro, porque danço e canto,
Supõem que disso não me vem injúria.
Vão louvar a Deus, mais ao
Vigário, e ao Rei, Que fazem um
céu com a nossa penúria."

CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas as vozes dos
pequeninos, E na distância o vale chora,
Os dias de juventude em minha mente ressurgem,
E meu rosto se descolora.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,
E o orvalho desce já do céu;
Vosso dia e primavera passais entre
brincadeiras, E a noite e o inverno sob
um véu.”

A ROSA DOENTE

Ros
a,
está
s
doe
nte!
O
ver
me
invis
ível
Que voa, inclemente,
Na noite terrível

Enc
ontr
ou
teu
leito
De
róse
o
praz
er:
Seu
amo
r
secre
eto

Dest
rói
teu
viver

.

O MOSQUITO

M
o
s
q
u
i
t
i
n
h
o
,
T
u
a
a
l
e
g
r
i
a

Meu dedo incauto
Varreu do dia.

Não sou eu
Tão leve assim?
Ou não és homem
Igual a mim?

Po
is
q
ue
da
nç
o,
E
be
bo
,
e
en
to
o,
At
é
q
ue
u
m
de
do
Va
rr
a
m
eu
vo
o.

Se o pensamento
Põe vivo e forte
A quem sem ele
Só tem a morte;

E
nt
ão
fel
iz
M
os
q
ui
to
so
u:
Se
es
to
u
vi
vo
,
Se
m
or
to
es
to
u.

O ANJO

Tive um sonho! Não sei
que quer dizer. Que nele
eu era a virginal Rainha,
E um Anjo meigo vinha me entreter,
Sem me entreter da oculta dor que eu tinha.

E meu pranto manava noite e dia,
E ele vinha secar meu choro quente;
E dia e noite meu
pranto corria, E dele
eu ocultava meu
deleite.

Então, alçando as asas,
foi-se embora, E o
amanhecer chegou, rosado
e ledó; Sequei o pranto, e
fiz uma armadura, Dando
escudos e lanças ao meu
medo.

Logo ele retornou, mas
foi em vão; Eu já me
armara, quando
ressurgiu; Da juventude
fora-se a estação,
E de cãs minha frente se cobriu.

O TIGRE

Tigre! Tigre! clarão feroz
Nas florestas da noite atroz,
Que mão, que olho imortal teria
Forjado a tua simetria?

Em que funduras,
em que céus O fogo
ardeu dos olhos
teus? Com que asa
ousou ele aspirar?
Que mão ousou o
fogo atear?

Que ombro, que arte deu tal torção
Às fibras do teu coração?
E, o teu coração já batendo,
Que horrenda mão? que pé horrendo?

E qual martelo? E
qual corrente? Em
que forja esteve tua
mente? Qual
bigorna? Que
ousado ater Seus
terrores ousou
conter?

Quando os astros se desarmaram

E o céu de
lágrimas
rociaram, Riu-se
ao ver sua obra
talvez? Fez o
Cordeiro quem te
fez?

Tigre! Tigre! clarão feroz
Nas florestas da noite atroz,
Que mão, que olho imortal teria
Forjado a tua simetria?

MINHA BELA ROSEIRA

Uma flor me foi ofertada
Que maio jamais
viu tão bela; Eu
disse: "Já tenho
Roseira" – E
assim desdenhei
recebê-la.

De minha Roseira
tão bela Cuidei,
dia e noite,
zeloso; Porém
minha Rosa
deixou-me: Seus
espinhos foram
meu gozo.

AH, GIRASSOL

Ah, Girassol, que o
tempo exaure! Que
medes do sol a
passada;
E buscas aquele áureo clima
Que é o rumo de nossa jornada:

Lá onde a ardente Juventude
E a Virgem que em neve se veste
Do túmulo se erguem e aspiram
Ao rumo que só tu soubeste.

O LÍRIO

A Rosa frágil tem o espinho por defesa,
A humilde Ovelha exhibe o chifre
ameaçador; Porém ao branco
Lírio é suficiente o Amor –
Não há espinho ou ameaça a turvar-lhe a beleza.

O JARDIM DO AMOR

Um dia entrei no
Jardim do Amor E vi
lá dentro o que
nunca vi: Uma
Capela fora erigida
Em meio ao verde que conheci.

Dessa Capela os portões fechados,
Com "Tu não deves" gravado à entrada,
Voltei-me para o
Jardim do Amor,
Buscando alguma flor
lá plantada;

E pude ver em lugar de flores
Lousas e túmulos numerosos;
E Padres de negro faziam a
ronda, Atando entre cardos
meu querer e gozo.

O PEQUENO VAGABUNDO

Ó Mamãe, Mamãe, eis que a
Igreja é tão fria, E é bem mais
quentinho na Cervejaria;
Tu sabes que a isso já me acostumei,
Embora tal uso não seja de lei.

Mas se fogo e assento nos dessem na Igreja
E a beber um gole da boa Cerveja,
Era canto e reza todo santo dia,
Ee ninguém da Igreja se escafederia.

E o Pastor pregava, bebendo
e cantando, E todos alegres,
quais aves em bando;
E dona Abandono, que a igreja não deixa
Não teria filhos, nem jejum, nem queixa.

E Deus, como um pai, bem
contente vendo Seus filhos
como Ele no prazer vivendo,
Não teria brigas com o Diabo e
a Barrica,
Mas lhe dava um beijo, um trago e roupa rica.

LONDRES

Nas ruas por que passo,
escrituradas, Onde o
Tâmisa corre, escriturado,
Vou reparando as faces maceradas,
Que a aflição e a moléstia têm marcado.

Em cada grito de
Homem ou no grito Do
Infante que de medo se
lamente, Em cada voz
ou em cada interdito,
Ouço os grilhões
forjados pela mente.

Se grita o Limpador de chaminés,
Se assusta cada Igreja em
seus escuros; Quando
suspira o Soldado, infeliz,
O sangue tinge do Palácio os muros.

Mas o que à meia-noite
escuto mais É a meretriz
lançar praga funesta,
Que do Recém-Nascido
estanca os ais E os
funerais do Casamento
empesta.

A ESSÊNCIA HUMANA

Não era necessário
haver Piedade, Se a
Pobreza não fosse
cultivada; E se
houvesse geral
felicidade,
A Clemência seria aposentada.

A paz somente advém do
mútuo medo, Enquanto o
amor egoísta é dominado;
E então a Crueldade trama
o enredo
E lança suas iscas com cuidado.

Entre temores santos,
senta e chora, De
lágrimas regando a terra
inteira; E a raiz da
Humildade se elabora
Debaixo de seus pés, em meio à poeira.

Em torno à sua frente uma penumbra
De Mistério começa a se espalhar;
E a Lagarta e o Mosquito se
deslumbram, E do Mistério
vêm se alimentar.

E então produz do Engodo a
grande fruta, Bem doce ao
paladar e bem rosada;
E o Corvo ali constrói sua casa, oculta
Em meio à sombra mais fechada.

Quando os Deuses de terra e mar buscaram
Ttal árvore por toda a Natureza,
Foi em vão que por ela
procuraram: Na Mente
do Homem uma se
enraíza.

MÁGOA INFANTIL

Minha mãe lamentou,
chorou meu pai Quando
saltei no mundo cheio de
ais; Berrando, inerte,
pálido e despido,
Como um elfo entre as nuvens escondido.

Lutando contra as mãos que me
amparavam, Forcejando entre os
cueiros que me atavam, Enleado
e exausto, considereei bem
E no seio afundei de minha mãe.

UMA ÁRVORE DE VENENO

Tive ódio ao
meu amigo:
Disse-lhe, e o
ódio findou.
Tive ódio ao
meu inimigo:
Não lhe disse, e o ódio aumentou.

Dia e noite lhe
dei a água, Do
medo e de
minha mágoa;
Dei-lhe o sol do
riso claro,
Que é só do engodo o anteparo.

E a árvore
cresceu noite e
dia, E produziu
grande pera;
Meu
inimigo,
que a
via,
Soube
de quem
ela era;

E entrou pelo meu pomar
Na hora em que o dia se vela;
E na aurora o fui achar
Bem estirado sob ela.

UM MENININHO PERDIDO

“Não amamos ninguém mais que a nós mesmos,
Nem temos por ninguém
mais devoção, Nem parece
possível ao Pensar
De um pensar superior ter a intuição.

“Como, meu Pai, te posso
amar, ou como Ter pelos
meus irmãos a alma
inflamada? Amo-te apenas
como uma avezinha
Que vem bicar farelos na calçada.”

Sentou-se o Padre ao lado,
ouvindo a criança, E, trêmulo,
afagou o seu cabelo.
Conduziu-a, suspensa
pela manga; E muito
se admirou tão sacro
Zelo.

De pé junto ao altar, disse ele assim:
“Meu Deus! com que demônio aqui deparo;
Alguém que em pensamento quer julgar
Nosso Mistério mais sagrado e raro.”

Não se ouviu a criança
que chorava, Seus pais a

prantearam mas em vão;
Despiram-na de sua
camisinha
E a prenderam com os ferros de um grilhão;

E a queimaram naquele local santo
Onde tantos outrora pereceram:
Seus pais a prantearam
mas em vão. Tais coisas
em Albion é que
ocorreram?

UMA MENININHA PERDIDA

*Ó crianças do futuro!
Lendo o que vos
vou contar, Sabei
que um dia o
Amor puro Por
crime se ousou
tomar!*

Numa Idade de
Ouro, quando O
inverno era morno e
brando, Qualquer
jovem e donzela,
Banhavam-se nus
naquela Sagrada luz
do sol que nada
vela.

Um dia um
jovem casal,
Cheio de
amor
fraternal,
Num claro
jardim se
achou De
que a luz
santa afastou
As cortinas que a noite entrecerrou.

Ali, no dia
chegado,
Brincaram
sobre o
gramado;
Nenhum pai por
perto estava,
Estranho algum
lá chegava,
E a donzela seus medos olvidava.

Cansados de doces beijos
Manifestam seus desejos
De encontrar-se quando o fundo
Sono paire sobre o mundo
E, exausto e só, pranteie o vagabundo.

Ao encanecido pai
A clara donzela vai;
Mas dele o olhar de ternura
Como a sagrada escritura
Fez tremer de terror sua ossatura.

“Ona! pálida e tremente!
Fala ao teu pai: Oh, que ingente
Mmedo de ti se apropria!
Oh, que inquietude sombria
De minhas cãs as raízes arreperia!”

A IMAGEM DIVINA

A Crueldade tem um peito humano,
E o Terror forma humana tem celeste,
E um rosto humano exhibe a
Desconfiança, E recobre o
Segredo humana veste.

A veste humana se forjou no ferro,
A forma humana numa ardente forja,
Selou o rosto humano
uma fornalha, E o peito
humano sua faminta
gorja.

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Dorme,
meu belo
fulgor,
Sonhando
gozos e
amor;
Dorme na noite, e em teus sonhos
Chorem pesares tristonhos.

Pequenino, em teu rostinho
Doces ânsias adivinho,
E alegrias, peraltagens,
Mil pequenas traquinagens.

Enquanto afago
os teus braços,
Da manhã
descubro traços
Em teu sorriso, e em teu peito
Teu coração insuspeito.

Ó traquinagens
que estão
Crescendo em
teu coração!
Quando ele
enfim
despertar, Virá

a luz com seu
pesar.

O ESCOLAR

É bom sair de
manhãzinha,
Ouvindo as
aves a cantar
E ao longe a trombeta de caça
E ver a cotovia no ar
Que cedo vem me acompanhar.

Mas ir à escola
de manhã,
Como destrói
minha alegria;
Sob um olhar
cruel, aceso,
Passam os
novos todo o
dia Em
desgosto e
melancolia.

Passar às vezes
longo tempo
Sentado, ouvindo,
aborrecido,
Indiferente à sala
de aula
E indiferente ao livro lido
E ao quadro-negro tão comprido.

Como há de uma ave que nasceu
Para a alegria achar prazer
Numa gaiola, ou
uma criança,
Baixando as asas,
esquecer Que é
tempo só de
florescer?

Ó pai, ó mãe,
se for
cortada Logo
em botão a
jovem flor E
a planta nova
desbastada
De seus
brotos e seu
vigor Pelo
desgosto e
pela dor,

Como há de o tépido verão
Ter no prazer o
seu momento?
Como na dor
colher o fruto
Que nos trouxe o
florescimento, Quando
chegar o inverno e o
vento?

PARA TIRZAH

Tudo o que
Provém de
Geração Há de a
escura Terra
consumir, Para vir
de novo e
ressurgir: Que
devo fazer
contigo então?

Os Sexos, do
Orgulho originados
E do Erro, perduram
só um dia; Mas da
Morte a Graça os
alivia; Dores e
fadigas são seus
fardos.

E tu, Mãe de minha
Mortal sina, Que de
maldade me fizeste o
Peito E só com
lágrimas de despeito
Me trancaste Ouvido, Olho, Narina;

Me selaste a Língua
em barro vã, Para à

Mortal Vida me
entregar; Mas Jesus
morto vem me livrar;
Que devo fazer
contigo então?

A VOZ DO BARDO ANTIGO

Vinde, juvenil prazer,
E vede a
manhã
nascer
Como um
reflexo
luzente Da
verdade
transparent
e. Fogem
dúvida e
cisão,
Disputa e os
véus da
razão. É
labirinto a
loucura
Que entre
brenhas se
procura. Quantos
tombaram por lá!
A noite toda a pisar
Pilhas de ossos, vão buscar
O que na noite não está;
E acham seus
próprios cuidados.
Querem os outros
guiar,
Quando deviam ser guiados.